

# PERFIL DOS UNIVERSITÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DE ENSINO SUPERIOR DE SETE LAGOAS, MINAS GERAIS, QUANTO AO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS

Cyntia Cristina de Almeida<sup>1</sup>

Fernanda Pereira Guimarães<sup>2</sup>

## RESUMO

Automedicação é o ato de usar medicamentos por conta própria. Neste contexto, os universitários tendem a se automedicar em virtude das pressões acadêmicas e sociais, indo na contramão do uso racional de medicamentos. Desta forma, questiona-se: qual perfil dos acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior de Sete Lagoas, Minas Gerais, quanto ao uso racional de medicamentos? Acredita-se que: 1) os acadêmicos da área da saúde estão mais propensos à automedicação, pois possuem mais acessos a informações; 2) os principais medicamentos utilizados são analgésicos e anti-inflamatórios, em virtude de dores decorrentes das tensões cotidianas. Os objetivos do trabalho foram: identificar o perfil dos acadêmicos da instituição quanto ao uso racional de medicamentos; determinar a prevalência dos fármacos associados à automedicação e; identificar a percepção dos acadêmicos acerca do papel do farmacêutico. Realizou-se uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória, quantitativa, através de um questionário eletrônico semiestruturado, aplicado a 60 estudantes, em agosto de 2020. O perfil encontrado foi: 60,0% do sexo masculino, predominantemente adultos jovens, 48,3% se automedicam sempre e 41,7% às vezes. A automedicação é praticada igualmente entre os estudantes da área da saúde e os dos demais cursos. Dos entrevistados, 70,0% se automedicam com analgésicos e 25,0% com anti-inflamatórios. Ressalta-se que alguns estudantes alegaram automedicação com antibióticos, antidepressivos, opioides e hipnóticos que requerem retenção de receita. Apesar da maioria dos acadêmicos utilizarem fármacos de forma irracional, eles reconheceram a importância do acompanhamento farmacoterapêutico. Dessa forma, é fundamental a educação para o uso racional de medicamentos na população estudada.

**Descritores:** Medicamentos. Uso de medicamentos. Automedicação. Estudantes.

## ABSTRACT

Self-medication is the act of using medications on your own. In this context, university students tend to self-medicate due to academic and social pressures, going against the rational use of medicines. Thus, the question is: what is the profile of academics at a Higher Education Institution in Sete Lagoas, Minas Gerais, regarding the rational use of medicines? It is believed that: 1) health academics are more likely to self-medicate, as they have more access to information; 2) the main medications used are analgesics and anti-inflammatory, due to pain resulting from everyday tensions. The objectives of the work were: to identify the profile of the academics of the studied institution, regarding the rational use of medicines; determine the prevalence of drugs associated with self-medication and; identify the students' perception of the pharmacist's role. A descriptive, exploratory and quantitative field research was carried out, using a semi-structured electronic questionnaire, applied to 60 students, in August 2020. The profile found was: 60.0% male, predominantly young adults, 48.3% always self-medicate and 41.7% sometimes. Self-medication is practiced equally among students in the health field and those in other courses. Of the respondents, 70.0% self-medicate with analgesics and 25.0% with anti-inflammatory. It is noteworthy that some students claimed self-medication with antibiotics, antidepressants, opioids and hypnotics, which require prescription retention. Despite the fact that most students use drugs irrationally, they recognized the importance of pharmacotherapeutic follow-up. Thus, education for the rational use of medicines in the studied population is essential.

**Descriptors:** Drugs. Drug Utilization. Self-Medication. Students.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Farmácia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. E-mail: cyntiadealmeida30@gmail.com

<sup>2</sup> Bióloga. Mestra em Botânica. Docente da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. Orientadora da pesquisa. E-mail: fpguimaraes@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Automedicação pode ser considerada como o ato de escolha ou uso de medicamentos por conta própria. Muitas vezes, é realizada devido à indicação de outras pessoas, sem o devido acompanhamento ou prescrição de um profissional habilitado. Algumas pessoas utilizam medicamentos isentos de prescrição ou até mesmo, enquanto outras ajustam a dose de tratamentos recomendados em prescrições reutilizadas (CRUZ *et al.*, 2019; MORAES; ARAÚJO; BRAGA, 2016; SOTERIO; SANTOS, 2016).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) o uso racional de medicamentos (URM) é quando o paciente recebe o medicamento necessário para a sua disfunção, em doses e período adequados, com custo acessível para si e para a sociedade (GIMENES *et al.*, 2016; OPAS/OMS, 2015). O medicamento, em qualquer forma farmacêutica será o principal meio de obtenção de prevenção e cura das enfermidades. Para o efeito esperado, é necessário que seu uso seja consciente e adequado. Dessa forma, a automedicação pode trazer prejuízos à condição clínica do paciente e surgimentos de reações diferentes e complexas (ANVISA, 2009; SILVEIRA *et al.*, 2019). Para o URM, são necessários artifícios que mostrem claramente o que é: automedicação, uso indiscriminado de medicamentos, interrupção de tratamento, e troca indevida de medicamentos. Qualquer troca pode trazer riscos à condição de saúde do indivíduo, e a melhor forma de promoção à saúde é ter um acompanhamento profissional, com linguagem acessível, conforme o público atendido (ANVISA, 2009; BRASIL, 2004; CFF, 2001; 2014; ESHER; COUTINHO, 2017).

O aconselhamento ao paciente sobre o uso racional dos medicamentos e a atenção farmacêutica adequada fica a cargo do farmacêutico, que é habilitado para a orientação do paciente. Com o papel de educador, o farmacêutico deve: assegurar que o paciente não tenha dúvidas; facilitar o entendimento de formas criativas sobre a farmacologia, passar credibilidade e; promover o uso racional do medicamento (SILVEIRA *et al.*, 2019).

Mais da metade dos medicamentos comercializados no mundo são prescritos de forma incorreta e, conseqüentemente, também são utilizados de forma errada pelo paciente. Vale ressaltar ainda que, a dispensação errônea e a falta de informação passada ao paciente aumentam os riscos de infecções, intoxicação e resistência a outros medicamentos, que podem levar até ao óbito (ANVISA, 2020). Andrade *et al.* (2020) mostraram que entre os anos de 2010 a 2017 o medicamento foi a agente tóxico que causou mais intoxicação em todo o Brasil. Neste

período ocorreram 118.239 casos de intoxicação por medicamentos, sendo que a automedicação correspondeu a 17.923 (15,15%) e 7.451 (6,3) por abuso no uso dos fármacos.

Neste contexto da automedicação, os universitários também estão mais propensos a realizar tal prática, em virtude da rotina, da pressão dos estudos, das tensões musculares, da privação da vida social, dentre outros fatores (MARINHO; NASCIMENTO; NICOLLETE, 2019). Tal rotina pode desencadear quadros de enxaqueca, dores musculares, ansiedade e até depressão, cujos medicamentos (antidepressivos e ansiolíticos) são de venda controlada, conforme (BRASIL, 1998; 2020). Segundo Vilela Neto *et al.* (2018), estudantes também estão mais propensos ao uso irracional de anorexígenos e anabolizantes, artifícios para a busca do padrão de beleza perfeito imposto pela sociedade. Além disso, a busca recorrente a bulas também é uma prática constante entre os acadêmicos, visto que podem ter tido sucesso com os medicamentos usados anteriormente (GAMA; SECOLI, 2017). Neste cenário, os acadêmicos praticam a automedicação através do uso indiscriminado de fármacos, não obediência à posologia, ou até interrompem tratamentos por conta própria, que podem causar sérios riscos à saúde.

Dessa forma, este trabalho ganha relevância, para que a partir da identificação do perfil do acadêmico frente ao uso dos medicamentos possam ser estabelecidas campanhas educativas sobre farmacovigilância na instituição, reforçando a importância do acompanhamento farmacoterapêutico para o uso racional de medicamentos. Diante do aumento dos casos de automedicação e de intoxicações por uso de medicamentos, o presente trabalho questiona: Qual perfil dos acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior de Sete Lagoas, MG, quanto ao uso racional de medicamentos? Partiu-se das seguintes hipóteses: 1) os acadêmicos da área da saúde estão mais propensos à automedicação, visto que possuem mais acessos a informações; 2) os principais medicamentos utilizados pelos acadêmicos são analgésicos e anti-inflamatórios, em virtude das dores decorrentes das tensões do dia a dia.

Este trabalho objetivou identificar o perfil dos acadêmicos de uma instituição de Ensino Superior, quanto ao uso racional de medicamentos. Tendo como objetivos específicos: determinar a prevalência dos fármacos associados à automedicação entre os acadêmicos; identificar a percepção dos acadêmicos acerca do papel do farmacêutico no acompanhamento farmacoterapêutico. Para atingir os objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória e quantitativa, por meio de um questionário eletrônico semiestruturado direcionados aos acadêmicos da instituição pesquisada, no período de agosto de 2020. Os dados foram avaliados através da estatística descritiva.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 AUTOMEDICAÇÃO

Automedicação pode ser classificada como escolha ou uso de medicamentos sem acompanhamento de um profissional, sem diagnóstico e sem prescrição. Trata-se da busca de uma terapia por conta própria, que pode levar à dependência física e psicológica, infecções, alergias, mascaramento de novas disfunções, interações e resistências a algumas classes medicamentosas (BRASIL, 2015; 2018; CRUZ *et al.*, 2019; GAMA; SECOLI, 2017).

Um dos fatores principais que levam à automedicação é a crença que o paciente possui em saber sobre os sinais e sintomas das doenças e o tempo e recursos financeiros limitados para procura de um profissional especializado. Além disso, muitos pacientes possuem prescrições antigas de tratamentos anteriores, indicações de terceiros e, por isso, buscam a rápida cura para uma disfunção (COELHO *et al.*, 2017; GAMA; SECOLI, 2017).

A automedicação traz prejuízos à vida do indivíduo, pois o uso incorreto de medicamentos pode levar ao atraso na melhora de sinais e sintomas pelo possível mascaramento de outras patologias, que podem levar a reações e resultados incorretos. Toda administração de medicamento tem que ser feita de forma segura, eficaz e direcionada a cada indivíduo, conforme suas dependências e possíveis efeitos adversos, alergias e intoxicações (MATOS *et al.*, 2018). Medicamentos indicados por terceiros podem levar não só a efeitos adversos, mas também agravamento do quadro, intoxicações, sequelas e até óbitos (FERREIRA; TERRA JUNIOR, 2018).

Infelizmente, a automedicação é um recurso que muitos leigos e pessoas menos favorecidas financeiramente utilizam, por pensarem que estão promovendo o autocuidado com a saúde (COELHO *et al.*, 2017). A dificuldade de acesso à saúde para maioria da população brasileira ainda é muito grande, e, diante disso, a maioria utiliza a farmácia como linha de frente aos cuidados a saúde. Neste ambiente, cabe ao farmacêutico agir com responsabilidade e ética, a fim de oferecer a correta orientação aos clientes sobre o URM (CFF, 2001; 2014; SILVEIRA *et al.*, 2019).

## 2.2 AUTOMEDICAÇÃO POR UNIVERSITÁRIOS

Os universitários estão mais propensos ao uso irracional de medicamentos, visto que possuem mais acesso a informações, mais acesso às bulas e acreditam conhecer os mecanismos dos medicamentos (GAMA; SECOLI, 2017). Além disso, geralmente apresentam um estilo desregrado de vida, com pressão de estudos e vida social (MARINHO; NASCIMENTO; NICOLLETE, 2019; TOMASINI; FERRAES; SANTOS, 2015); pressão social sobre um padrão estético imposto pela sociedade (VILELA NETO *et al.*, 2018), além de quadros de depressão e ansiedade (BRASIL, 1998; 2020; OMS, 2018).

Silva *et al.* (2019) destacam que os acadêmicos tendem a consumir analgésicos de forma indiscriminada e sem orientação médica. Isso ocorre devidos às dores frequentes decorrentes da rotina de estudo, especialmente quando associada a atividades laborais maiores que 8 horas/dia. Gama e Secoli (2017) acrescentam o uso indiscriminado de anti-inflamatórios devido às tensões da jornada de estudos e da crença que a dor sentida não necessita de atenção médica. Além das dores, os estudantes da área da saúde estão mais propensos ao estresse, pela pressão do campo de estágios, exposição ao sofrimento de pacientes e privação de sono que podem desencadear quadros depressivos e de ansiedade (CARVALHO *et al.*, 2017).

Rios *et al.* (2019) destacam que os universitários são jovens frágeis que já ingressam na universidade psicologicamente adoecidos pela sociedade. Os problemas que surgem na vida acadêmica são consequências de comportamentos pregressos, que os deixam susceptíveis à depressão, ansiedade, distúrbios do sono e alimentares, que tendem a piorar com o aumento das responsabilidades e medos do fracasso. Neste cenário, a automedicação se desponta como uma fuga, no qual esse grupo está mais sujeitos a procurar ajuda entre seus pares, em detrimento da ajuda de um profissional habilitado.

Estudo realizado por Pires *et al.* (2018) apontou que acadêmicos do curso de medicina fazem uso de psicoestimulantes por perceberem que seu uso aumenta a concentração durante os estudos e antes das provas. Porém, o efeito adverso relatado ao fim do efeito da droga foi o cansaço extremo, além da habituação e tolerância crescente desenvolvida pelos usuários.

Percebe-se, portanto, que a automedicação realizada por universitários, pode ocorrer de diferentes formas: através do uso indiscriminado de fármacos, teste de medicamentos, não obediência à posologia, ou até a interrupção do tratamento por conta própria, que podem causar sérios riscos à saúde.

## 2.3 USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS

A resolução 338/2004 determinou a Assistência Farmacêutica consiste em um conjunto de ações e valores éticos que têm como finalidade promover, proteger e recuperar a saúde individual ou coletiva (BRASIL, 2004). Além disso, a resolução explicita que o medicamento é um insumo necessário, mas que deve ser utilizado de forma racional para que haja uma melhoria na qualidade vida do paciente.

A OMS determinou que o farmacêutico deve ter participação ativa na promoção da saúde, prevenção e tratamento de doenças, com fins em garantir melhoria na qualidade de vida do paciente. O farmacêutico, junto à equipe multiprofissional e ao paciente, pode evitar o uso excessivo de medicamentos, com a correta gestão dos medicamentos em uso (OMS, 2004; OPAS/OMS, 2015). Tal acompanhamento farmacoterapêutico deve ser permeado por orientações do URM, a fim de minimizar a automedicação, diminuir as intoxicações, informar os efeitos colaterais e possíveis interações medicamentosas, além de colaborar para aumentar a adesão aos tratamentos (COELHO; MACHADO, 2018).

Dentre os profissionais da saúde, o farmacêutico é o profissional mais habilitado para agregar informações e orientações privilegiadas quanto ao uso de medicamentos (TOMASINI; FERRAES; SANTOS, 2015). Cabe a este profissional realizar a dispensação segura do medicamento, para que o paciente não tenha dúvidas quanto ao seu tratamento, duração, dose e administração correta, e se for o caso, prover meios que facilitem ao usuário o entendimento, os riscos, os benefícios e a importância do uso correto, a fim de que ele obtenha a melhora ou a cura de qualquer patologia (SOTERIO; SANTOS, 2016).

Infelizmente, com a falta de estrutura do sistema de saúde, a farmácia tornou-se a porta de entrada para tratamento de sinais e sintomas para a maioria da população que buscam o medicamento indicado pelo amigo ou visto no comercial da televisão. Além disso, a venda livre de medicamentos isentos de prescrição também contribuiu para o aumento do uso irracional de medicamentos, que pode, além de não promover a cura, trazer malefícios a saúde do paciente e o mascaramento de novas patologias. A automedicação envolve riscos como intoxicação, alergias, dependência e até o óbito, dessa forma, a orientação do farmacêutico é fundamental para levar melhor compreensão sobre o URM a toda população, de modo a promover a saúde e melhorar a qualidade de vida do paciente (CORRÊA *et al.*, 2016 OPAS/OMS, 2015).

### 3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, transversal, descritiva, exploratória, de natureza quantitativa, que visou traçar o perfil dos acadêmicos de uma instituição privada de ensino superior, quanto ao URM.

A segunda etapa foi composta por uma pesquisa de campo, realizada por meio da plataforma virtual de questionário *Google Forms* que continha um roteiro semiestruturado, auto preenchível, cujo link foi enviado para os grupos de *WhatsApp* dos diferentes cursos e períodos da instituição pesquisada de Sete Lagoas-MG, por um período de 10 dias durante o mês de agosto de 2020. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão da pesquisa: acadêmicos da instituição pesquisada, em qualquer área de graduação, acima de 18 anos, e que aceitassem participar da pesquisa após a concordância com o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, que elucidava que a participação era voluntária, gratuita e confidencial, com garantia do anonimato dos participantes.

O questionário foi composto por 14 questões de múltipla escolha, sendo algumas abertas para resposta dos nomes dos medicamentos em uso ou das doenças pré-existentes. As perguntas versavam sobre perfil do usuário (sexo, idade, curso, hábitos, automedicação, doenças pré-existentes, uso sobras de medicamentos, além da percepção dos acadêmicos sobre a importância do acompanhamento farmacêutico).

As respostas foram tabuladas em *Microsoft Excel*<sup>®</sup> e analisadas através da estatística descritiva. Os dados foram organizados e discutidos conforme os objetivos da pesquisa e, posteriormente explicados em concordância com a literatura.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidas 60 respostas dos acadêmicos da instituição de ensino pesquisada. A maioria era do sexo masculino (60%), predominantemente adultos jovens (36,7% entre 18 e 24 anos e 36,7% entre 25 e 30 anos). A maioria dos participantes (83,3%) cursava graduação na área da saúde: Farmácia (48,3%), Enfermagem (13,3%), Nutrição (8,3%), Psicologia (6,7%), Biotecnologia (6,7%). Os demais participantes cursavam Engenharia Mecânica (10,0%), Administração (5,0%) e Ciências Contábeis (1,7%) (TABELA 1).

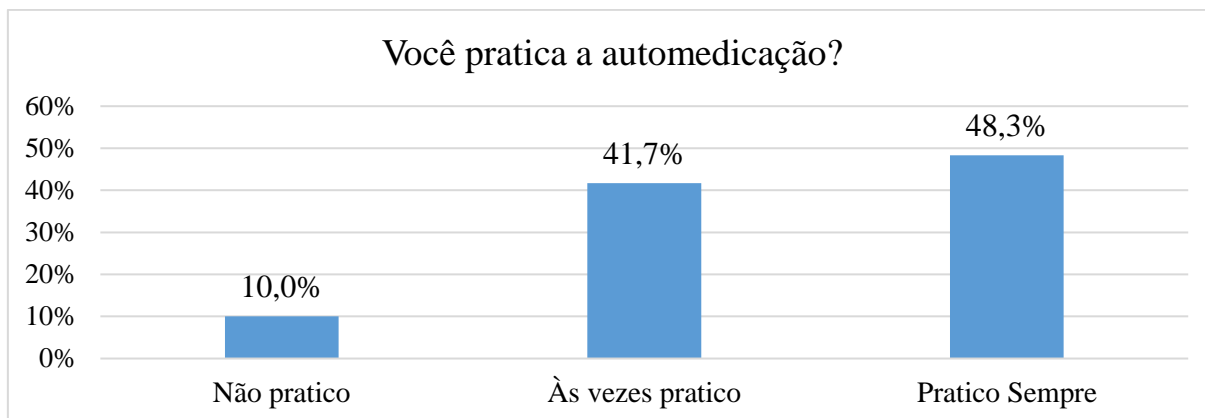
**Tabela 1:** Caracterização do grupo amostral (n=60).

<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>		
Masculino	36	60,0
Feminino	24	40,0
<b>Faixa etária</b>		
18 a 24 anos	22	36,7%
25 a 30 anos	22	36,7%
31 a 35 anos	6	10,0%
Acima de 35 anos	10	16,7%
<b>Curso</b>		
<b>Área da Saúde</b>		
Farmácia	29	48,3%
Enfermagem	8	13,3%
Nutrição	5	8,3%
Psicologia	4	6,7%
Biotecnologia	4	6,7%
<b>Não área de saúde</b>		
Engenharia Mecânica	6	10,0%
Administração	3	5,0%
Ciências Contábeis	1	1,7%
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Dos 60 participantes da pesquisa, 48,3% alegaram “sempre praticar a automedicação”, 41,7% disseram que “praticam automedicação às vezes”, e somente 10,0% alegaram que “não praticam a automedicação” (GRÁFICO 1). O resultado foi semelhante ao encontrado em estudo realizado por Tomasini, Ferraes e Santos (2015), que realizaram uma pesquisa com estudantes da área da saúde, identificando que 87,4% dos entrevistados já fizeram o uso de medicamentos sem orientação médica ou profissional habilitado. Os autores ainda indicaram que 11,6% dos acadêmicos entrevistados consideraram que seu conhecimento durante a graduação já era o suficiente para se automedicar.





**Gráfico 1:** Prática de automedicação pelos participantes da pesquisa (n=60).

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Com relação aos medicamentos utilizados na automedicação, 70,0% dos participantes alegaram consumir analgésicos, que de acordo com o estudo de Soterio e Santos, (2016) podem ter seu consumo irracional devido à venda livre de Medicamentos Isentos de Prescrição, além das propagandas apelativas que acabam incentivando a automedicação e 25,0% alegaram consumir anti-inflamatórios, confirmando a hipótese levantada no trabalho (TABELA 2).

**Tabela 2:** Medicamentos mais usados pelos acadêmicos na automedicação (n=60).

Automedicação	n	%
Analgésico	42	70,0%
Anti-inflamatório	15	25,0%
Relaxante muscular	11	18,3%
Laxante	5	8,3%
Antialérgico	5	8,3%
Anticolinérgico	5	8,3%
Descongestionante	2	3,3%
Anti-hipertensivo	2	3,3%
Antibiótico	1	1,7%
Diurético	1	1,7%
Vitamina	1	1,7%
Corticoide	1	1,7%
Inibidor de Bomba de Próton	1	1,7%
Antiácido	1	1,7%
Antiespumante	1	1,7%
Antidepressivo	1	1,7%
Antagonista opioide	1	1,7%
Hipnótico	1	1,7%
Antigripal	1	1,7%

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Estes dados corroboram com os achados de Silva *et al.* (2019), em pesquisa realizada com 277 discentes, que apontam que 82,31% dos acadêmicos fazem uso de analgésicos de forma indiscriminada. Além disso, 80,14% dos discentes tinham carga horária de trabalho de 8 horas/dia, além dos estudos, e apresentaram maior consumo de analgésicos do que aqueles sem atividade laboral. A jornada de trabalho, somada os estudos, aumenta a chance de dor e, conseqüentemente, levam à procura por analgésicos sem orientação e indicação médica.

O uso de anti-inflamatório por 25% dos acadêmicos entrevistados (TABELA 2) também podem indicar um nível de tensão decorrente da jornada de trabalho e estudos. Gama e Secoli (2017) mostraram que 63,2% de acadêmicos de enfermagem utilizavam anti-inflamatórios motivados pela percepção de que a dor sentida não necessitava de atenção médica. Alguns medicamentos citados pelos acadêmicos, apesar de não causar dependência, podem desencadear complicações quando associados a outros fármacos. Silva *et al.* (2019) e Tomasini, Ferraes e Santos (2015) alertam que o uso indiscriminado de medicamentos sem a indicação médica ou farmacêutica podem causar reações adversas, interações medicamentosas e trazer danos ao paciente, que inclusive levam à resistência farmacológica

Outro fator que merece destaque é o fato de que alguns acadêmicos alegaram se automedicar com antibiótico (1,7%), antidepressivo (1,7%), opioide (1,7%) e hipnótico (1,7%). De acordo com a Portaria 344/1998 atualizada pela 372/2020 (BRASIL, 1998; 2020), a venda desses medicamentos requer retenção de receita e, em alguns casos a assinatura de Termo de Esclarecimento. Dessa forma, pode-se inferir que tais acadêmicos estão utilizando receitas de tratamentos anteriores, ou conseguindo tais medicamentos de forma ilícita.

Quando comparadas a frequência de automedicação dos participantes dos cursos relativos à área da saúde (Farmácia, Enfermagem, Nutrição, Psicologia e Biotecnologia) com os das áreas que não saúde (Administração, Ciências Contábeis e Engenharia mecânica) não houve diferença significativa entre as áreas, que fosse relevante ser citada, mas que demonstram que tantos acadêmicos da área da saúde como os da não saúde praticam automedicação. Isso refuta a hipótese levantada de que os acadêmicos dos cursos da área da saúde, por possuírem maior conhecimento sobre os medicamentos, realizam mais automedicação.

Os dados apresentam índice elevado de prática constante ou eventual de automedicação entre os estudantes da “área da saúde” e da “não saúde”. Esses dados corroboram parcialmente com Tomasini, Ferraes e Santos (2015), que mostram que 100% dos alunos de Farmácia e Pedagogia realizam a automedicação em comparação como 65% dos estudantes de Educação Física e Direito que realizam tal prática. Na verdade, percebe-se certa

incoerência, visto que os estudantes dos cursos da área da saúde possuem alto índice de automedicação incompatível com o possível conhecimento dos malefícios da automedicação que se espera de tais estudantes. Espera-se, no futuro, que estes estudantes, quando estiverem trabalhando em sua área de atuação, desestimulem tal prática entre seus pacientes.

Cruz *et al.* (2019) e Tomasini, Ferraes e Santos (2015) destacam que os motivos que levam os acadêmicos da saúde a se medicarem são: falta de tempo para ir ao médico devido à carga de aulas, estágios e estudos extracurriculares, ou ainda, por acharem irrelevante esse cuidado, uma vez que os conhecimentos adquiridos durante a graduação já seriam suficientes para a automedicação. É importante ressaltar que, independente do medicamento e do curso, existem os riscos de intoxicação devido à automedicação (ANDRADE *et al.*, 2020).

A cultura de se ter uma “farmacinha” em casa pode levar ao uso irracional de medicamento, e 95,0% dos participantes relatam ter em casa e 30,0% dos entrevistados alegarem fazer o uso destas sobras de outros tratamentos finalizados. Em estudo realizado por Tomasini, Ferraes e Santos (2015), 60,0% dos entrevistados disseram ter “farmacinha” em o que pode reforçar a prática da automedicação. Segundo os autores, os pacientes geralmente retomam os medicamentos quando os mesmos sintomas retornam, evitando passar por nova consulta médica, já que supostamente julgam ser a mesma enfermidade.

Além do perfil de automedicação apresentado pela maioria dos entrevistados, 41,7% dos 60 participantes relatam possuir algum tipo de doença pré-existente, o que deveria dificultar a automedicação, visto que algumas doenças necessitam de uso contínuo de medicamentos, por vezes controlados e que podem interagir com a automedicação. A doença mais relatada entre os acadêmicos foi a depressão, citada por 18,3% deles, seguida de hipertensão (8,3%), ansiedade (5%) e enxaqueca (5%) (TABELA 3).

Esses dados corroboram com estudos de Marinho, Nascimento e Nicollete (2019); Resende *et al.* (2019) e Rios *et al.* (2019) que apontam que a depressão, e conseqüentemente o uso de antidepressivos figuram entre os principais medicamentos utilizados pelos universitários. Os principais fatores de risco estão o excesso de atividades acadêmicas, a falta de atividades de lazer, o estresse frequente, a cobrança excessiva para o desempenho acadêmico e a falta de apoio emocional de colegas e familiares (CYBULSKI; MANSANI; 2017; MARINHO; NASCIMENTO; NICOLLETE, 2019; RESENDE *et al.*, 2019).

**Tabela 3:** Frequência das doenças pré-existentes dos participantes da pesquisa (n=60).

Doenças pré-existente	n	%
Depressão	11	18,3%
Hipertensão	5	8,3%
Ansiedade	3	5,0%
Enxaqueca	3	5,0%
Síndrome do ovário policístico	2	3,3%
Bulimia	2	3,3%
Asma	1	1,7%
Colesterol alto	1	1,7%
Déficit de atenção e hiperatividade	1	1,7%
Diabetes	1	1,7%
Pré-diabetes	1	1,7%
Labirintite	1	1,7%
Líquen Plano	1	1,7%

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Dos 60 participantes, 26 (43%) alegaram fazer uso de medicamentos de uso constante, sendo os principais: antidepressivos (23,3%) contraceptivos (13,3%), anti-hipertensivos (8,3%) e benzodiazepínicos (8,3%), condizentes com as doenças pré-existentes (TABELA 4).

**Tabela 4:** Medicamentos controlados mais usados pelos acadêmicos e suas classes (n=60).

Classe	n	%
Antidepressivo	14	23,3%
Contraceptivo	8	13,3%
Anti-Hipertensivo	5	8,3%
Benzodiazepínico	5	8,3%
Hipnótico	3	5,0%
Anticonvulsivante	3	5,0%
Vasodilatador Seletivo	1	1,7%
Inibidor de contrações de células musculares	1	1,7%
Inibidor de Hidroximetilglutaril-co-enzima	1	1,7%
Hormônio regulador de Homeostase	1	1,7%
Agonista Receptor de Serotonina	1	1,7%
Inibidor de Bomba de Próton	1	1,7%
Antagonista Opióide	1	1,7%
Psicoestimulantes	1	1,7%
Corticosteroide	1	1,7%

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

A drástica mudança de vida e responsabilidades da universidade desencadeiam vários sentimentos e comportamentos como: preocupação, medo, agitação, pressão, a dificuldade de conciliar estudos, trabalho e vida social. Resende *et al.* (2019) destaca que a depressão pode se manifestar com múltiplas facetas, desde alterações de humor, euforia, distúrbios do sono, desânimo até a tristeza profunda. É importante ressaltar ainda que 8,3% dos entrevistados utilizam benzodiazepínico e 5,0% hipnóticos, que podem ser reflexos da ansiedade e problemas de insônia decorrentes da própria depressão ou com o intuito de aliviar a tensão antes das

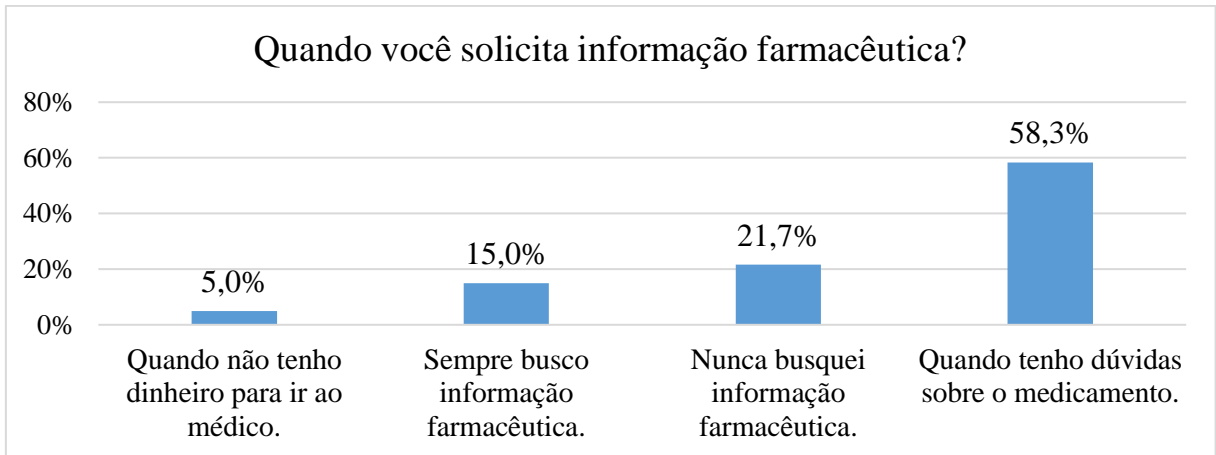
avaliações. No entanto, tais medicamentos podem causar tolerância e dependência química, sendo necessárias doses cada vez mais altas e com maior frequência, a fim de atingir os mesmos resultados (PIRES *et al.*, 2018).

Dentre os medicamentos mais citados encontram-se, também, os contraceptivos, utilizados por 13,3% das entrevistadas. Trata-se de jovens universitárias com certo conhecimento quanto ao medicamento. Na tentativa de conciliar a vida acadêmica e amorosa, geralmente fazem a automedicação por indicação de amigas, sem levar em consideração os possíveis efeitos adversos. É uma classe medicamentosa segura, mas que possui contraindicações em vários casos, sendo necessário, portanto, o acompanhamento médico (ALMEIDA *et al.*, 2016).

Neste estudo também foi constatado que 8,3% dos entrevistados possuíam hipertensão, condição que pode ser controlada se medicada corretamente (MENGUE *et al.*, 2016). Foi observado que 8,3% fazem uso de anti-hipertensivo de modo constante. Dentre os fatores associados à hipertensão entre jovens universitários está a privação ou diminuição do sono, uso de tabaco e bebidas alcoólicas, má alimentação e sedentarismo, fatores genéticos, que culminam em um estilo de vida desregrado e prejudicial (SANTOS *et al.*, 2018).

Dos 60 entrevistados, apenas 13,3% alegaram não ter conhecimentos sobre o URM. Este resultado já era esperado, visto que 83,3% dos participantes são de curso da área da saúde. Apesar de alegarem conhecimento sobre o URM, 48,3% alegaram praticar automedicação sempre e 41,7% às vezes. Dessa forma, mesmo tendo conhecimentos dos riscos, efeitos e possíveis complicações que a automedicação pode causar aos acadêmicos, independente do curso, realizam a automedicação (SILVA *et al.*, 2018).

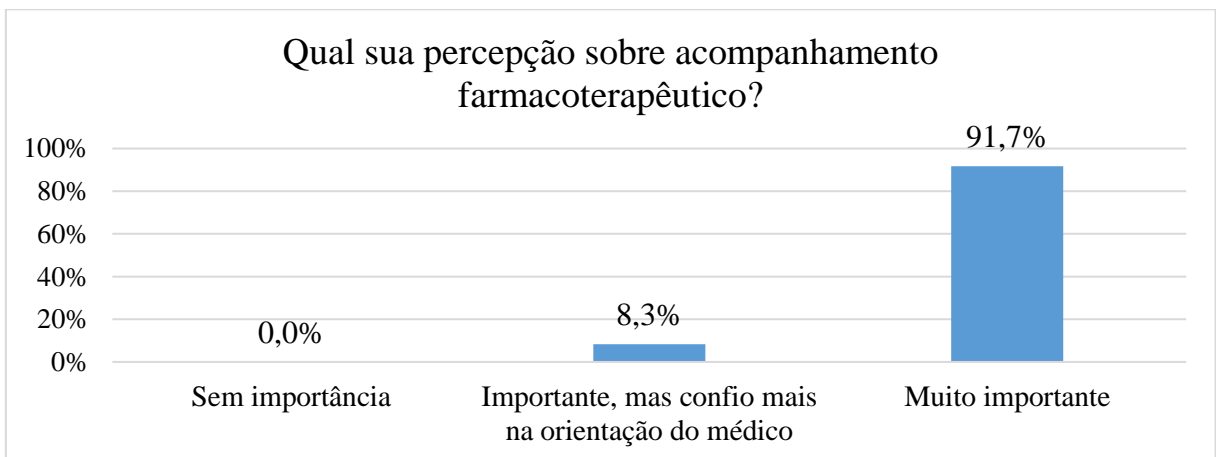
Com relação à importância de se ter um acompanhamento farmacoterapêutico para a promoção do URM, quando perguntados sobre a relação que estabelecem com o farmacêutico, 58,3% dos entrevistados “solicitam informações apenas quando tem dúvidas sobre o medicamento”, 21,7% “nunca buscaram informação farmacêutica” (GRÁFICO 2). Quando comparado ao estudo feito por Cruz *et al.* (2019), 22,2% dos entrevistados solicitam informações a um farmacêutico e confiam em suas indicações, enquanto no estudo Tomasini, Ferraes e Santos (2015), 73,7% tiram suas dúvidas diretamente com o farmacêutico.



**Gráfico 2:** Porcentagem de respostas sobre a busca de informações farmacêuticas (n= 60).

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Entre os entrevistados, 91,7% consideram “muito importante” o acompanhamento farmacêutico, e 8,3% consideram “importante, mas confiam mais na orientação médica”. O farmacêutico desempenha papel educador, e a Resolução nº 586 de 29 de agosto de 2013 amplia as atribuições do farmacêutico e lhe dá autonomia de prescrever medicamentos isentos de prescrição médica (CFF, 2013; CRUZ *et al.*, 2019). Ninguém respondeu que o farmacêutico não possui importância o que reforça que a profissão tem reconhecimento dos acadêmicos da instituição pesquisada (GRÁFICO 3).



**Gráfico 3:** Porcentagem de respostas sobre a importância do acompanhamento farmacêutico (n= 60).

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Dessa forma, percebe-se a necessidade de ações educativas multidisciplinares, a fim de minimizar a automedicação entre os universitários e promover o uso racional de medicamentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo foi caracterizar o perfil dos acadêmicos de uma instituição privada de ensino superior de Sete Lagoas –MG quanto ao uso racional de medicamentos. A maioria de entrevistados foram homens, jovens adultos, em sua maioria cursando a área da saúde e que praticam automedicação, especialmente de analgésicos e anti-inflamatórios, independente do curso em que estavam matriculados. A hipótese levantada de que os estudantes da área da saúde praticam menos automedicação, por conhecerem os malefícios da prática foi refutada. O analgésico, seguido dos anti-inflamatórios foram os medicamentos mais utilizados pelos entrevistados, confirmando a hipótese levantada sobre os principais medicamentos utilizados na automedicação. É relevante ressaltar que, dentre os medicamentos de uso controlado, que requerem receita para sua compra, o antidepressivo liderou a lista de uso pelos acadêmicos, visto que a doença pré-existente mais relatada foi a depressão.

Apesar da maioria dos entrevistados utilizar os fármacos de forma irracional, grande parte reconheceu a importância do acompanhamento farmacêutico para o uso racional de medicamentos. Afinal, o farmacêutico é um profissional habilitado, capaz de transmitir, com segurança, as informações quanto ao tratamento, administração, efeitos, reações e doses dos medicamentos. Com isso, para minimizar o consumo do uso irracional de medicamentos entre os acadêmicos da instituição estudada, é necessária uma ação educativa em busca das razões que levam os universitários a recorrerem à automedicação, além de focar nos possíveis danos que o uso indiscriminado de fármacos pode trazer à saúde dos mesmos.

Esta pesquisa limitou-se a identificar o perfil dos acadêmicos de uma única instituição de ensino superior de Sete Lagoas-MG quanto ao uso racional de medicamentos. Sugere-se que sejam elaboradas intervenções que envolvam não somente os acadêmicos, mas também seus familiares, visto que parte dos problemas adquiridos durante a graduação são provenientes de uma rotina psicossocial pregressa à universidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anealhe Cruz; ALMEIDA, Adriana Cruz; COSTA, Millena Rodrigues; FIRMO, Wellyson da Cunha Araújo. Conhecimento sobre a contracepção de emergência por

adolescentes de uma escola pública de Lago Verde, Maranhão, Brasil. **Revista UNINGÁ**, v. 27, n. 1, p. 5-14, 2016. ISSN 2178-2571. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1817/1422>>. Acesso em: 14 out. 2020.

ANDRADE, Sâmia Moreira de; CUNHA, Maurício Almeida; HOLANDA, Elison Costa; COUTINHO, Gizelli Santos Lourenço; VERDE, Rosane Mara Cardoso Lima; OLIVEIRA, Evaldo Hipótilo. Characterization of the profile of drug intoxications by self-medication in Brazil, from 2010 to 2017. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 9. n. 7, e23697395, 2020. ISSN 2525-3409. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3952>>. Acesso em 20 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3952>.

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. RDC nº 44, de 17 de agosto de 2009. Dispõe sobre boas práticas farmacêuticas para o controle sanitário do funcionamento, da dispensação e da comercialização de produtos e da prestação de serviços farmacêuticos em farmácias e drogarias e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, ANVISA, 02 set. 2009. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/rdc0044\\_17\\_08\\_2009.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/rdc0044_17_08_2009.html)>. Acesso em 20 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **Uso racional de medicamentos: um alerta à população**. 2020. Brasília: ANVISA. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/uso-racional-de-medicamentos-um-alerta-a-populacao>>. Acesso em: 10 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 31 dez. 1998. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344\\_12\\_05\\_1998\\_rep.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344_12_05_1998_rep.html)>. Acesso em 20 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Resolução nº 338, de 06 de maio de 2004. Aprova a Política Nacional de Assistência Farmacêutica. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 20 mai. 2004. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2004/res0338\\_06\\_05\\_2004.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2004/res0338_06_05_2004.html)>. Acesso em: 10 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Cartilha para a promoção do uso racional de medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 28p. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_promocao\\_uso\\_racional\\_medicamentos.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_promocao_uso_racional_medicamentos.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Uso de medicamentos e**



**medicalização da vida:** recomendações e estratégias. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 33 p. Disponível em:  
<<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/fevereiro/14/ERRATA-Livro-USO-DE-MEDICAMENTOS-E-MEDICALIZACAO-DA-VIDA.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Portaria 372, de 15 de abril de 2020. Dispõe sobre a atualização do Anexo I (Listas de Substâncias Entorpecentes, Psicotrópicas, Precursoras e Outras sob Controle Especial) da Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998, e dá outras providências. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 16 abr. 2020. Seção 1, p. 80. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-rdc-n-372-de-15-de-abril-de-2020-252726528>>. Acesso em 20 ago. 2020.

CARVALHO, Marina Conceição Peres, JUNQUEIRA, Lilian Graziela; CERDEIRA, Cláudio Daniel; COSTA, Ana Maria Duarte Dias; SANTOS, Gérsika Bitencourt. Levantamento da situação de saúde mental e uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos do curso de odontologia de uma Universidade Do Sul De Minas Gerais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 15, n. 1, p. 489-496, jan./jul. 2017. ISSN 1517-0276. Disponível em:  
<[http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/2772/pdf\\_647](http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/2772/pdf_647)>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i1.2772>.

CFE. CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Resolução nº 357, de 20 de abril de 2001**. Aprova o regulamento técnico das Boas Práticas de Farmácia. Disponível em:  
<<https://www.cff.org.br/pagina.php?id=256>>. Acesso em 20 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 586 de 29 de agosto de 2013**. Regula a prescrição farmacêutica e dá outras providências. Disponível em:  
<[http://www.lex.com.br/legis\\_24876876\\_resolucao\\_n\\_586\\_de\\_29\\_de\\_agosto\\_de\\_2013.aspx](http://www.lex.com.br/legis_24876876_resolucao_n_586_de_29_de_agosto_de_2013.aspx)>. Acesso em 20 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 597 de 24 de abril de 2014**. Dá nova redação aos artigos 11 e 12 da Resolução/CFE nº 357/01. Disponível em: <<https://www.cff.org.br/pagina.php?id=256>>. Acesso em 20 ago. 2020.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SANTOS, Vanessa Prado dos; CARMO, Maria Beatriz Barreto do; SOUZA, Adailton Conceição de; FRANÇA, Carolina Pereira Xavier. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 5-13, 2017. ISSN 2317-3394. Disponível em:  
<<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1141>>. Acesso em 13 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rps.v6i1.1141>.

COELHO, Rafaella Ferreira; MACHADO, Fabio Bahls. Conhecimento dos farmacêuticos atuantes em drogarias e farmácias sobre a prescrição farmacêutica na cidade de Mineiros-Goiás. **Estação Científica (UNIFAP)**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 57-68, ago. 2018. ISSN 2179-1902.

Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/3616>>. Acesso em: 14 out. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18468/estcien.2018v8n2.p57-68>.

CORRÊA, Anderson; ROÇAS, Giselle; LOPES, Renato Matos; ALVES, Luiz Anastácio. A utilização de uma história em quadrinhos como estratégia de ensino sobre o uso racional de medicamentos. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, [S.l.], v. 9, n. 1, p., 2016. ISSN 1983-1617. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2016v9n1p83>>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2016v9n1p83>.

CRUZ, Eliana de Souza; SILVA, Iara da; AUGUSTO; Vinicius; COELHO, Adônis. Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. **Revista Saúde UniToledo**, Araçatuba, v. 3, n. 1, p. 2-12, abr. 2019. Disponível em: <<http://www.ojs.toledo.br/index.php/saude/article/download/2912/465>>. Acesso em: 10 set. 2020.

CYBULSKI, Cynthia Ajus; MANSANI, Fabiana Postiglione. Análise da depressão, dos fatores de risco para sintomas depressivos e do uso de antidepressivos entre acadêmicos do curso de medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Revista Brasileira de Educação médica**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 92-101, jan. 2017. ISSN 1981-5271. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022017000100092&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000100092&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20160034>.

ESHER, Angela; COUTINHO, Tiago. Uso racional de medicamentos, farmacêuticalização e usos do metilfenidato. **Ciências e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 2571-2580, ago. 2017. ISSN 1678-4561. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232017002802571&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002802571&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017228.08622017>.

FERREIRA, Rogério Lobo; TERRA JUNIOR, André Tomaz. Estudo sobre a automedicação, o uso irracional de medicamentos e o papel do Farmacêutico na sua prevenção. **FAEMA: Revista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, [S.l.], v. 9, p. 570-576, 2018. ISSN 2179-4200. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/327978695\\_ESTUDO\\_SOBRE\\_A\\_AUTOMEDICACAO\\_O\\_USO\\_IRRACIONAL\\_DE\\_MEDICAMENTOS\\_E\\_O\\_PAPEL\\_DO\\_FARMACEUTICO\\_NA\\_SUA\\_PREVENCAO](https://www.researchgate.net/publication/327978695_ESTUDO_SOBRE_A_AUTOMEDICACAO_O_USO_IRRACIONAL_DE_MEDICAMENTOS_E_O_PAPEL_DO_FARMACEUTICO_NA_SUA_PREVENCAO)>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.31072/rcf.v9i1desp.617>.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas - Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, e65111, 2017. ISSN 1983-1447. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472017000100416&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472017000100416&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A. 2002. ISBN: 85-224-3169-B.

GIMENES, Fernanda Raphael Escobar. Administração: Não basta usar, é preciso conhecer a maneira correta. Farmacêutica. (Série: Uso Racional de Medicamentos: fundamentação de condutas terapêuticas e nos macroprocessos da Assistência). **OMS/OPAS, Representação Brasil**, Brasília, v. 1, n. 18, out. 2016; ISSN 978-857967-108. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1546-administracao-nao-basta-usar-e-preciso-conhecer-a-maneira-correta-6&category\\_slug=serie-uso-racional-medicamentos-284&Itemid=965](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1546-administracao-nao-basta-usar-e-preciso-conhecer-a-maneira-correta-6&category_slug=serie-uso-racional-medicamentos-284&Itemid=965)>. Acesso em 13 set. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311p. ISBN 85-224-3397-6.

MARINHO, Tyhorrane Nunes; NASCIMENTO, Leonor Monteiro do; NICOLETTI, Caroline Deckmann. Depressão entre universitários: revisão integrativa dos medicamentos antidepressivos mais utilizados entre os acadêmicos de universidades no Brasil. **Semioses: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 15-33, out./dez. 2019. ISSN 1981-996X. Disponível em: <<https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/semioses/article/view/489>>. Acesso em 20 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15202/1981996x.2019v13n4p15>.

MATOS, Januária Fonseca; PENA, Davi Alexander Costa; PARREIRA, Milena Pereira; SANTOS, Tamires do Carmo, COURA-VITAL, Wendel. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 76-83, mar. 2018. ISSN 2358-291X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-462X2018000100076&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2018000100076&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462x201800010351>.

MENGUE, Sotero Serrate; BERTOLDI, Andréa Dâmaso; RAMOS, Luiz Roberto; FARIAS, Marení Rocha; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; TAVARES, Noemia Urruth Leão; ARRAIS, Paulo Sergio Dourado; LUIZA, Vera Lucia; DAL PIZZOL, Tatiane da Silva. Acesso e uso de medicamentos para hipertensão arterial no Brasil. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 2, 8s, 2016. ISSN 1518-8787. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102016000300305&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102016000300305&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1518-8787.2016050006154>.

MORAES, Amanda Ludogério; ARAÚJO, Nayara Gabriele Picanço; BRAGA, Tatiana de Lima. Automedicação: revisando a literatura sobre a resistência bacteriana aos antibióticos. **Revista Eletrônica Estácio Saúde**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 122-132, 2016. ISSN 1983-1617. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/saudesantacatarina/index>>. Acesso em: 10 set. 2020.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **O papel do farmacêutico no sistema de atenção à saúde**: Relatório do Grupo Consultivo da OMS: Nova Délhi, Índia: 13 – 16 de dezembro de 1988 + O papel do farmacêutico: assistência farmacêutica de qualidade: Benefícios para os governos e a população: Relatório da Reunião da OMS: Tóquio, Japão: 31 de agosto – 3 de setembro de 1993 + Boas práticas em farmácia (BPF) em ambientes comunitários e hospitalares. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde: Conselho Federal de Farmácia, 2004. 92p. ISBN 85-87943-41-3. Disponível em: <<https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/3598/PapelFarmaceutico.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Suicídio**. 2018. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839)>. Acesso em: 10 set. 2020.

OPAS/OMS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Uso Racional de Medicamentos: fundamentação de condutas terapêuticas e nos macroprocessos da assistência**. OPAS/OMS Brasil. 2015. ISSN 978-857967-108-1. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1518-apresentacao-8&category\\_slug=serie-uso-racional-medicamentos-284&Itemid=965](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1518-apresentacao-8&category_slug=serie-uso-racional-medicamentos-284&Itemid=965)>. Acesso em 13 set. 2020.

PIRES, Marina dos Santos; DIAS, Aureanny de Paula; PINTO, Danúbia Cristina Lopes; GONÇALVES, Patrícia Guimarães; SEGHETO, Wellington. O uso de substâncias psicoestimulantes sem prescrição médica por estudantes universitários. **Revista Científica FAGOC – Saúde**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 22-29, 2018. ISSN 2448-282X. Disponível em: <<https://revista.fagoc.br/index.php/saude/article/view/370/347>>. Acesso em: 10 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i1.2772>.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276p. ISBN 978-85-7717-158-3.

RESENDE, Sara do Carmo; FERREIRA, Thayanara Divina Rodrigues; FAÇANHA, Thayná Marana Pereira; PAIVA, Cláudia Cristina Sousa de; SILVEIRA, Alexsander Augusto da; SOUZA, Álvaro Paulo Silva. O uso de antidepressivos por estudantes em uma instituição de ensino superior e as possíveis intervenções farmacêuticas. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 1633-1649, mar./abr. 2019. ISSN 2595-6825. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/1417/1546>>. Acesso em: 14 out. 2020.

RIOS, Maria das Graças Vieira; MASCARENHAS, Luanna Vieira Rodrigues; Souza, Kalliana de Siqueira; OLEBAR, Damatys Tatyelle Curcino Ribeiro; PAIVA, Michelle Cristinne Evangelista; SILVEIRA, Amanda de Olivera. Adoecimento e sofrimento psíquico entre universitários: estado da arte. **Humanidades & Inovação: Universidade, pressões e**

**adocimento**, [S.l.], v. 6, n. 8, p. 23-31, 2019. ISSN 2358-8322. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/51>>. Acesso em: 14 out. 2020.

SANTOS, Alan Magalhães; PORELLI, Júlia Prata; JESUS, Kelvin Edson Marques; MAGALHÃES-SANTOS, Isis Fernandes. Fatores de risco para hipertensão em jovens universitários. **Revista de Ciência médica e Biológicas**, Salvador, v. 17, n. 1, p. 52-60, 2018. ISSN 2236-5222. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/21186>>. Acesso em: 14 out. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/cmbio.v17i1.21186>.

SILVA, André Santos da; MACIEL, Gabriella de Alcantar; WANDERLEY, Luciane Soares de Lima; WANDERLEY, Almir Gonçalves. Indicadores do uso de medicamentos na atenção primária de saúde: uma revisão sistemática. **Revista Panamericana de Salud Publica**, [S.l.], v. 41, n. 12, abr. 2018. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/34434>>. Acesso em: 14 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2017.132>.

SILVA, Aneliza da; SANTOS, Joana Darc Gomes dos; SANTOS, Sandra Oliveira; SOUZA, Álvaro Paulo Silva; KHOURI, Adibe Georges. Uso indiscriminado de analgésicos por discentes de uma instituição de ensino superior: um risco imperceptível. **Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás - RRS-FESGO**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 22-29, ago./dez. 2019. ISSN 2596-3457. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/rrsfesgo/article/viewFile/7173/47966145>>. Acesso em: 14 out. 2020.

SILVEIRA, John Elvys Silva da; ALVES, Hérick Hebert da Silva; MELO, Maria Mayalle de Almeida; BARROS, Karla Bruna Nogueira Torres. Construção de uma tecnologia educativa com foco no uso racional de medicamentos. **Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)**, [S.l.], v. 6, nov. 2019. ISSN 2446-6042. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/eedic/article/view/3791>>. Acesso em: 14 out. 2020.

SOTERIO, Karine Azeredo; SANTOS, Marlise Araújo dos. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, [S.l.], v. 9, n. 2, p., 1-15, 2016. ISSN: 1983-1374. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/25673>>. Acesso em: 10 set. 2020.

TOMASINI, Alexandre Abujamra; FERRAES, Alide Marina Biehl; SANTOS, Joice Sifuentes dos. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. **Biosaúde**, Londrina, v. 17, n. 1, p. 1-12, 2015. E-ISSN 2525-555X. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/biosaude/article/view/25285/20458>>. Acesso em 20 ago. 2020.

VILELA NETO, Ailton Paranaíba; ASSIS, Bárbara Pacheco de; PINTO, Jade Souza Ferreira; LUCINDA, Leda Marília Fonseca; SILVA, Márcio Heitor Stelmo da; CARMO, Ricardo Leão; DAMASCENO, Vanessa Oliveira. Avaliação da satisfação com a imagem corporal e uso de medicamentos anorexígenos e anabolizantes em estudantes universitários. **Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais – Animais e Humanos**, [S.l.], v. 10, p. 15-23, 2018. ISSN 2525-3409. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/riee/article/view/27455>>. Acesso em 20 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2177-3459.2018.v10.27455>.

ZANGIROLAMI-RAIMUNDO, Juliana; ECHEIMBERG, Jorge de Oliveira; LEONE, Claudio. Tópicos de metodologia de pesquisa: Estudos de corte transversal. **Journal of Human Growth and Development**, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 356-360, 2018. ISSN 2175-3598. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/152198>>. Acesso em: 10 out. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.152198>.